



Uma gigante chamada Marielle

Franco

Amanda Motta Castro¹

Anielle Franco²

Fátima Lima³

Este é um prefácio escrito a seis mãos, mas mais do que seis mãos, este texto representa as vozes engasgadas de milhares de mulheres, principalmente as mulheres negras, indígenas, ribeirinhas, quilombolas, latinas, africanas, entre tantas outras que têm seus corpos e subjetividades atravessadas por eixos de opressão como raça, gênero, sexualidade, território, geração, entre outros.

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande/FURG e docente do Departamento de Educação da mesma instituição. Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS; foi bolsista CAPES durante (2009-2015). Realizou Estágio de doutoramento na Universidad Autónoma Metropolitana del México - UAM, no departamento de Antropologia. Compõe la Comunidad de Pensamiento Feminista Latinoamericano: El Telar e o Grupo de pesquisa interdisciplinar Lélia Gonzalez. Trabalha com os seguintes temas de pesquisa: Feminismo, Educação Popular, Arte Popular e desigualdades sociais. Contato: motta.amanda@gmail.com

² Graduada em Inglês e Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e em Jornalismo e Inglês pela universidade estadual de Carolina do Norte. Atualmente é Mestranda em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Além de ser a atual diretora do Instituto Marielle Franco

³ Antropóloga. Feminista alinhada ao Feminismo Negro, decolonial e Anti-Colonial. Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/IMS/UERJ. Pós Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS do Museu Nacional/UFRJ Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Macaé. Professora do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada- PIPGLA da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico - Raciais/CEFET/RJ. Atua no campo das Ciências Humanas e Sociais e nos estudos de linguagens, discursos e narrativas, principalmente com os seguintes temas: Raça, Gênero, Sexualidade, Teorias Feministas (com ênfase nos feminismos negros e decoloniais), Processos Políticos de Subjetivação e Estudos e Pesquisas com os grupos ditos subalternizados.

O tempo desta escrita é um tempo pandêmico. Há um ano fomos tomadas/os, em escala planetária, pela pandemia do Sars-CoV 2. Por estas terras nossas, a pandemia do coronavírus tornou mais visível e dizível as desigualdades e as diferentes vulnerabilidades frente àquela virulência.

Afirmamos que é impossível entender as complexidades dessa pandemia sem uma lente interseccional de raça, gênero, território, principalmente onde as mulheres negras e em situação de diferentes vulnerabilidades estão mais expostas não apenas à contaminação, mas à própria máquina bio-necropolítica que, de diferentes formas, trabalham nas políticas de morte e extermínio. Por outro lado, as mulheres negras, moradoras das periferias, comunidades e favelas têm dado respostas ativas contra essas violências, mais uma vez fazendo valer as teimosias desses corpos e subjetividades, afirmando a vida e o bem viver. Marielle era assim: a afirmação da vida e do bem viver.

Com certeza, se estivesse encarnada entre nós, Marielle seria uma das vozes mais potentes e atuantes contra a política genocida que atravessa não apenas a cidade do Rio de Janeiro, mas todo esse Brasil.

Esse dossiê ganha forma e se lança ao mundo poucos dias depois de ter completado três anos do brutal assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. Na noite de 14 de março de 2018, uma mulher negra, bissexual, de origem de favela, mãe, vereadora e militante dos direitos humanos foi brutalmente assassinada no bairro Estácio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro.

O assassinato de Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, no começo da noite do dia 14 de março, em uma das maiores cidades do Brasil, expôs ao mundo a gravidade deste episódio, tornando visíveis as vulnerabilidades presentes nas vidas das mulheres no Brasil e na Latinoamérica, principalmente daquelas que atuam na agenda dos direitos humanos e da justiça étnico-racial e de gênero. Marielle Franco havia saído de uma atividade de trabalho, numa organização não governamental, voltada para o trabalho com mulheres negras quando foi brutalmente executada. A partir de então, para toda uma população, para as mulheres, em especial as negras e as militantes em diferentes agendas sociais, dores, incertezas e inseguranças se tornaram mais contundentes. Marielle Franco tinha 38 anos quando foi assassinada.

Tinha voz forte na luta pelos direitos humanos, mais de 20 projetos apresentados em pouco tempo de mandato na Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro, era

uma parlamentar exemplar, obteve cerca de 46 (quarenta e seis) mil votos. Até a escrita deste texto continua a ecoar no Brasil e no mundo: ‘Quem matou Marielle?’, ‘Quem mandou matar Marielle?’ Até agora dois suspeitos de executarem o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes — os ex-policiais militares Ronnie Lessa (acusado de ser o autor dos disparos) e Élcio de Queiros (acusado de dirigir o carro) — estão presos e aguardam julgamento.

Em meio ao torpor que nos tomou após 14 de março de 2018, milhares de movimentos insurgiram-se em diferentes contextos nacionais e internacionais. “Marielle Gigante” era mais do que uma frase de efeito. É a materialização de inúmeras ações que explodem em diferentes cenários: nas artes, poesia, literatura, na multiplicação de coletivos de mulheres, coletivos estudantis, coletivos militantes, na academia, enfim. Esse dossiê é mais um movimento nessa gramática de re-existências que fazem da memória e do legado de Marielle Franco algo que se mantém vivo, presente e com força de pensar e disputar um futuro diferente daquele que se anuncia cotidianamente.

A presença de Anielle Franco entre nós fortalece essa conexão não apenas por ser a irmã de Marielle Franco, a filha de Marinete e Toinho, a tia de Luyara, por ter criado o Instituto Marielle, mas, antes de tudo, por ser essa mulher negra militante implicada com a agenda dos Direitos Humanos, com as vidas e as políticas do vivente para além e aquém dos silenciamentos e das violências (as mais diferentes possíveis). Por outro lado, não podemos deixar de destacar o lugar que o Instituto Marielle Franco ocupa como um espaço, um arquivo vivo que mantém firme a memória e o legado de Marielle Franco de forma coletiva. Marielle semente! E como disse Jurema Werneck, durante a solenidade que homenageou Anielle Franco com a medalha “Chiquinha Gonzaga”, na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro: “se Marielle é semente, Anielle é a jardineira”.

Assim, com a alegria da partilha, lançamos este dossiê. Os textos que o compõe se juntam a inúmeros outros textos escritos, nos mais diferentes suportes e contextos, mas que conservam um ‘em comum’: denunciam as brutalidades desse tempo e disputam outros mundos. O dossiê conta com sete textos e finalizado com um álbum de fotos com a curadoria de Anielle Franco, Raylene Moreira e Amanda Motta Castro.

Iniciamos com o texto “HISTÓRIA POLÍTICA, MOVIMENTO NEGRO E FEMINISMO NEGRO: “#MARIELLE SEMENTE”, AS MULHERES NEGRAS NA POLÍTICA.” A autora Ana

Lúcia da Silva, com o autor Angelo Priori, tomam como cerne a Agenda Marielle Franco e, por dentro da nova história, oferecem uma análise interessante das ressonâncias de Marielle Franco e da agenda na configuração da representatividade política feminina e negra.

O artigo de Andreia Ramos Teixeira intitulado “MARIELLE FRANCO, POTÊNCIA DA INSUBMISSÃO” traz a relação da autora com os feminismos negros, este é o fio narrativo do artigo. Esse movimento dialoga com passagens da vida/política de Marielle Franco. Nesse sentido, é um texto encarnado, construído como uma escrevivência. Um texto que carrega afeto, trajetórias, transformações da linguagem em ação. A autora utiliza muito bem o diálogo com as pensadoras intercessoras (intelectuais e militantes negras) dando consistência às narrativas de si mesma que são, antes de tudo, narrativas de uma coletividade.

Após, passamos para o ensaio de Diego dos Santos Reis, com o título “ENSAIO SOBRE A REVOLTA” o autor nos brinda com um texto extremamente forte e ousado. O autor traça um retrato do Brasil contemporâneo a partir das múltiplas violações aos direitos humanos, praticadas e legitimadas por governos reacionários e genocidas. Nessa esteira o autor vai escrever um texto de denúncia e revolta sobre o brutal assassinato de Marielle Franco.

Já a autora a Leticia Schneider Ferreira e o autor Sandro Gonzaga escrevem o artigo “A PRESENÇA DE MARIELLE FRANCO: ARTE, DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO PARA O FEMINISMO NEGRO.” O trabalho traz a presença e legado de Marielle Franco através da arte, do artesanato, dos direitos humanos e educação. O texto reflete sobre a abordagem dos direitos humanos e do feminismo negro por meio da história de Marielle Franco, no intuito de empoderar meninas negras, muitas vezes oprimidas por uma realidade de violência e marginalização.

Em “AS RESPOSTAS DA NOVA POESIA BRASILEIRA AO CASO MARIELLE FRANCO”, a autora Manuella Bezerra de Melo dialoga sobre as respostas poéticas surgidas a partir da execução de Marielle Franco, respostas que tocam em questões caras aos movimentos sociais, como racismo, misoginia, genocídio do povo negro pelas mãos do estado, violência, direitos humanos e questões de classe.

Mariana de Castro Moreira escreve o artigo intitulado “SOBREVIVER NUNCA FOI NOSSO DESTINO: QUANDO UM ANALISADOR POTENCIALIZA OUTROS OLHARES E

PRÁTICAS NA INTERSECÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO A PARTIR DA RELAÇÃO PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO.” No artigo, Marielle Franco é evocada nas análises em uma relação entre Psicologia e Educação com argumentos e críticas bem construídas.

Por fim o artigo “MARIELLE FRANCO, BEATRIZ NASCIMENTO, PRESENTES! LEGADOS DE MULHERES NEGRAS PENSADORAS BRASILEIRAS”, a autora Leandra Domingues Silvério nos presenteia com um texto desafiador na medida em que traça encontros entre a vida, militância e produção de Beatriz Nascimento e Marielle Franco. A autora faz esse movimento muito bem, com uma costura intergeracional.

No dia 14 de março de 2018, Conceição Evaristo estava na França. Quando soube da morte de Marielle, Conceição Evaristo dedicou um poema contundente para Marielle Franco intitulado: “Não, nós nos negamos a acreditar que um corpo tombe vazio.” Foi nessa esteira que propomos aos colegas da Revista SUL-SUL um dossiê sobre Marielle Franco, isso porque sentimos o poema de Evaristo e sabemos que o corpo físico foi, mas o legado fica. Um pouco do legado dela está nesse dossiê, compondo uma revista que está na Bahia e que corta o Brasil, contribuindo para a divulgação da vida, obra e legado da gigante MARIELLE FRANCO.

Referências

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.